

Meios de vida e produção de tabaco: uma análise das condições de vida na perspectiva do desenvolvimento humano

Tanise Dias Freitas

Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Economia & Desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Maria (Ufsm)

Anelise Graciele Rambo

Departamento Interdisciplinar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs/Campus Litoral Norte)

Sérgio Schneider

Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs)

Recebido: 23/10/2015 Versão revisada (entregue): 31/05/2016 Aprovado: 13/06/2016

Resumo

Este artigo consiste num estudo sobre as condições de vida no meio rural a partir de um caso sobre a agricultura familiar produtora de tabaco, no município de Arroio do Tigre, Rio Grande do Sul, da perspectiva do desenvolvimento humano. O objetivo é analisar os meios de vida a partir de uma concepção de desenvolvimento que ultrapasse o mero crescimento econômico e considere seus aspectos multidimensionais. O presente artigo tem como base teórica a abordagem das capacitações de Amartya Sen, operacionalizada metodologicamente pela perspectiva da diversificação dos meios de vida (*livelihoods*) de Frank Ellis. Esta abordagem sustenta a proposição metodológica de cinco dimensões do desenvolvimento: natural, social, humano, físico e financeiro. Estas foram agregadas a partir de médias simples e resultaram em dois índices: meios de vida (IMV) e condições de vida (ICV). Os instrumentos foram aplicados a 38 famílias produtoras de tabaco. Os resultados iniciais apontaram que os meios de vida condicionam o desenvolvimento humano das famílias produtoras de tabaco; e os meios apresentam-se de forma diferente das percepções.

Palavras-chave | Arroio do Tigre; condições de vida; desenvolvimento humano; diversificação; fumiicultura; meios de vida.

Código JEL | L66; O13; Q12.

LIVELIHOODS AND TOBACCO PRODUCTION: AN ANALYSIS OF LIVING CONDITIONS IN THE HUMAN DEVELOPMENT PERSPECTIVE

Abstract

This article presents a study on the issue of human development and the living conditions in rural areas, from the case of the tobacco-producing family farming, in the Arroio do Tigre-RS. The objective is to present a case study from the theoretical and methodological proposal of livelihoods that contemplates the idea of development apart from the discussions on economic growth, showing the need for multidimensional analysis. The present article has as theoretical base the approach of Amartya Sen, methodologically operationalized by the prospect of diversification of livelihoods by Frank Ellis. These approaches support the methodological proposal of five dimensions of development: natural, social, human, physical and financial, that have been aggregated as from simple averages and resulted in two indexes: livelihood (IMV) and living conditions (ICV) with objective and subjective data, respectively. The instruments were applied to 38 families producing tobacco and the initial results identified that the livelihoods interfere or influence the human development of the farming families of tobacco and that these livelihoods presented is differently from perceptions.

Keywords | Arroio do Tigre-RS; diversification; human development; livelihoods; living conditions; tobacco farming.

JEL-Code | L66; O13; Q12.

MEDIOS DE VIDA Y PRODUCCIÓN DE TABACO: UN ANÁLISIS DE LAS CONDICIONES DE VIDA EN LA PERSPECTIVA DEL DESARROLLO HUMANO

Resumen

Este artículo presenta un estudio sobre el tema del desarrollo humano y las condiciones de vida en las zonas rurales a partir del caso de la agricultura familiar de producción de tabaco en el municipio Arroio do Tigre, en Río Grande do Sul. El objetivo es exponer un estudio de caso a partir de la propuesta teórica y metodológica de los medios de vida que incluye la idea de desarrollo junto con las discusiones sobre el crecimiento económico, lo que muestra la necesidad de un análisis multidimensional. El artículo tiene como base teórica el enfoque de las capacidades de Amartya Sen, operacionalizado metodológicamente a través de la perspectiva de la diversificación de los medios de vida (*livelihoods*) de Frank Ellis. Estos enfoques apoyan la propuesta metodológica de cinco dimensiones del desarrollo: natural, social, humano, físico y financiero las cuales fueron agregadas partir de medias simples y resultaron en dos índices: medios de vida (IMV) y condiciones de vida (ICV). Los instrumentos fueron aplicados a 38 familias productoras de tabaco. En los resultados iniciales se encontró que los medios de vida condicionan el desarrollo humano de las familias productoras de tabaco y se presentaron de manera diferente de las percepciones.

Palabras-clave | Arroio do Tigre-RS; desarrollo humano; diversificación; medios de vida; condiciones de vida; cultivo de tabaco.

Código JEL | L66; O13; Q12.

Introdução

As concepções macrossociais e economicistas influenciaram os estudiosos do desenvolvimento ao analisarem as transformações sociais a partir de uma lógica comparativa entre o progresso/futuro e o retrocesso/passado, explicando, por exemplo, o “atraso” dos países subdesenvolvidos e a “evolução” das nações de Primeiro Mundo, especialmente nos trabalhos sobre Desenvolvimento na América Latina (CEPAL). A ideia de desenvolvimento tratava essencialmente de aspectos econômicos com ênfase na especialização técnica e produtiva, eficiência e eficácia da produção e racionalização da organização social.

No entanto, a crise dos anos 1980 mostrou que tais projetos desenvolvimentistas tornaram-se limitados e já não conseguiam mais evidenciar o desenvolvimento através das estruturas, do crescimento econômico do livre mercado, aumento da tecnologia, industrialização, crescimento do PIB e da renda *per capita*. Da mesma forma, os indicadores que até então “mediam” ou permitiam avaliar sobre ser mais ou menos desenvolvido também não explicavam a realidade da vida das pessoas e/ou dos países. Diante de tal contexto, tornou-se cada vez mais evidente a necessidade de analisar as questões do desenvolvimento considerando não somente o crescimento econômico, mas também a perspectiva humana, entendendo como e porque estes “avanços” financeiros não se refletiram diretamente na qualidade das condições de vida dos indivíduos.

Os indicadores de desempenho econômico, como o crescimento da renda e da produtividade dos fatores de produção passaram a ser acrescidos de outros elementos relacionados à qualidade de vida, às condições do meio ambiente, à liberdade de expressão e democracia. Com base nestas referências, emerge uma nova compreensão sobre desenvolvimento, com ênfase na dimensão humana. Diversos autores, notadamente Amartya Sen (2010), apontam que os ganhos econômicos de um indivíduo, de um município, uma região ou mesmo um país nem sempre refletem a melhoria das condições de vida das pessoas. Este paradoxo entre crescimento econômico e desenvolvimento humano foi utilizado como referência na realização da pesquisa que deu origem a este artigo tendo como exemplo a realidade socioeconômica da Fumicultura no Rio Grande do Sul, a qual pode ser entendida como um projeto “desenvolvimentista” que não tem refletido os ganhos do cultivo do fumo em qualidade de vida das famílias agricultoras. (FREITAS, 2015).

Assim, este artigo analisa as condições de vida de famílias que produzem tabaco no município de Arroio do Tigre (RS)¹, cuja atividade é realizada por agricultores

¹ Arroio do Tigre situa-se na região Centro-Serra do Rio Grande do Sul e integra a Associação dos Municípios da Região Centro-Serra (AMCSERRA); faz divisa ao Norte com o município de Estrela Velha, ao Sul com Sobradinho, ao Leste com Tunas e Segredo e ao Oeste com Ibarama.

familiares, os quais operam, em geral, em sistemas de integração às indústrias fumageiras. Neste município, não diferente da região Centro-Serra do RS, verificam-se significativos indicadores de riqueza econômica, gerada pela produção especializada de tabaco; no entanto, o Índice de Desenvolvimento Humano, de 2010, correspondia a 0,707, abaixo da média estadual de 0,746 (IPEA – PNUD – Fundação João Pinheiro)². Tal situação aponta para uma realidade de crescimento econômico, mas não desenvolvimento humano, em um município onde o tabaco é um dos principais geradores dos ganhos econômicos dos agricultores (REDIN, 2015).

Ainda, é importante frisar que este trabalho resulta de uma pesquisa exploratória que teve por objetivo elaborar uma metodologia multidimensional para demonstrar a relação entre especialização produtiva e desempenho econômico e as condições de vida, a fim de desconstruir a afirmação imperativa que a especialização na produção de tabaco é a única alternativa viável para a pequena produção familiar. Para tal, teve-se como referência as orientações do *Working Group on Economically Sustainable Alternatives to Tobacco Growing* para a implementação dos Artigos 17 e 18 da Convenção Quadro de Controle ao Tabaco (CQCT)³, os quais recomendam que sejam desenvolvidas metodologias que orientem a implementação de alternativas economicamente viáveis para os trabalhadores e produtores de tabaco bem como à proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas (SCHNEIDER, 2010a, 2010).

Para dar conta de seu objetivo, este artigo está organizado em cinco seções, além desta introdução. A segunda seção disserta sobre as abordagens das capacitações e dos meios de vida, demonstrando como estas constituem a perspectiva teórico-metodológica norteadora desta análise. A terceira apresenta diretrizes metodológicas: unidade de análise, os indicadores multivariados que constituem os instrumentos referentes aos meios e as condições de vida, a tipologia pelo grau de diversificação (pouco diversificados, diversificados e especializados). Sequencialmente, tem-se o estudo empírico realizado com os produtores de tabaco do município de Arroio do Tigre/RS, seguido das considerações finais e referências bibliográficas.

² Ver também em: Produção Agrícola Municipal: IBGE/SIDRA. Atlas Socioeconômico do RS.

³ O texto base desta proposta teórico-metodológica foi apresentado pela equipe de pesquisadores da UFRGS em fevereiro de 2012 no encontro de especialistas dos artigos 17 e 18 da CQCT. O documento oficial encontra-se disponível no site do Instituto Nacional do Câncer, conforme link que segue: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/d06aff804eb689e19fbe9ff11fae00ee/Methodological_guidelines_Brazil.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=d06aff804eb689e19fbe9ff11fae00ee.

Das capacitações aos meios de vida: uma perspectiva teórico-metodológica

A análise de como o desenvolvimento transforma-se em melhoria das condições de vida tem sido empreendida por estudiosos de várias disciplinas das ciências sociais. No âmbito dos estudos sobre o desenvolvimento rural e agricultura familiar, ganha relevância a abordagem dos “meios de vida” (ELLIS, 2000) que estabelece como pressuposto que a redução das vulnerabilidades passaria pela diversificação dos meios de vida, o que, por sua vez, implicaria em melhorias nas condições de vida⁴.

Para alcançar o desenvolvimento humano ou melhorar as condições de vida é preciso compreender a capacidade que determinado indivíduo ou grupo social apresenta e como este consegue lidar com o sistema de oportunidades oferecido pela sociedade, pelo Estado ou pelo mercado. Por sua vez, quando há uma insuficiência desses recursos ou habilidades, tem-se a possibilidade de uma mobilidade descendente ou estagnação dos atores em diversos aspectos, uma vez que, não ter acesso aos recursos fundamentais, acarreta sentimentos de abandono, desencanto, frustração e privação. Assim, busca-se nesta seção tratar a relação entre meios e condições de vida, tendo como base os pressupostos da abordagem das capacitações (*capability approach* – CA) de Amartya Sen e a perspectiva da diversificação dos meios de vida de Frank Ellis.

A perspectiva teórica das capacitações

Uma abordagem do desenvolvimento demanda a observância das mudanças que estão em curso, tratando dos riscos e incertezas presentes na sociedade e considerando as vulnerabilidades e a qualidade de vida em suas várias dimensões⁵. Eis que se atribui à abordagem das capacitações de Amartya Sen a possibilidade “teórica” de compreender o desenvolvimento sob o viés dos indivíduos e suas capacitações (ou a falta destas).

A capacidade dos indivíduos criarem estratégias de sobrevivência – *capability to function* –, a qual defende Sen (2008), refere-se aos acessos que permitem as pessoas levarem a vida que almejam bem como realizarem ações que consideram

⁴ Sobre a questão da vulnerabilidade abordada em Amartya Sen, ver Schneider e Freitas (2013) e Matte (2013).

⁵ Para melhor referenciar as dimensões de análise do conceito qualidade de vida ver *Tener, Amar, Ser: Una alternativa al modelo sueco de investigación sobre el bienestar* de Erik Allardt e descrições de *La desigualdad: el enfoque sueco de La investigación sobre el bienestar* de Robert Erikson. Tais artigos estão em Sen; Nussbaum, em sua obra *Quality of Life* (1996). No contexto brasileiro, tem-se como referencial os trabalhos de Selene Herculano (2000) para mensuração de qualidade de vida.

importantes. Essa capacidade, segundo Ellis (2000) passa pela diversificação dos ativos, que para Sen (2008) referem-se aos intitulentos. Ou seja, as pessoas são capazes de criar estratégias de sobrevivência em determinada realidade ou situação de vulnerabilidade, na medida em que estabelecem um portfólio diversificado de atividades e formas de organização econômica, produtiva, social e ambiental, de modo a melhorarem suas condições de vida (ELLIS, 2000). Essas seriam questões centrais no processo de desenvolvimento.

Em *Desigualdade Reexaminada*, Sen (2008) descreve que a noção de capacitação está intimamente ligada a de funcionamentos (*functionings*), uma vez que a capacidade é resultado das várias combinações desses funcionamentos, refletindo, então, a liberdade que uma pessoa tem para levar a vida da forma que deseja (KAGEYAMA, 2008; SEN, 2010). Assim, as condições de vida podem ser avaliadas pela capacitação (dada a partir do intitulentos/*entitlements*) para alcançar as funcionalidades, tais como, estar bem nutrido, ter saúde, moradia adequada, bem como integração social e autorrespeito. Logo, é dado destaque ao papel das capacidades e das habilidades que os indivíduos precisam ter para poder fazer as escolhas e alcançar uma vida plena de bem-estar (PETTIT, 1993).

A proposta seniana objetiva, portanto, tirar o foco das ações comumente entendidas como fins ou resultados, materializados em variáveis como renda, posse de bens ou capitais, e privilegiar o fortalecimento dos meios e modos que os indivíduos dispõem para lidar com as adversidades dos contextos em que vivem, com os riscos sociais, com as incertezas. A questão que se coloca é compreender em que medida os meios que as pessoas detêm lhes permitem fazer escolhas e agir de modo a melhorarem sua qualidade de vida e bem-estar. O desenvolvimento representa a condição que se alcança quando se exerce a liberdade de escolha quanto aos meios de vida – os fins almejados aos quais os meios permitem alcançar.

Estas liberdades são caracterizadas pelo autor como um conjunto de alternativas de realização que aumentam as capacitações das pessoas para alcançarem determinados fins e que estão intimamente relacionadas entre si para a promoção do desenvolvimento. Alguns autores usaram a abordagem das capacitações empregando os conceitos operacionais de meios e fins do desenvolvimento (KAGEYAMA, 2008; WAQUIL, et.al., 2007), no qual os meios referem-se ao conjunto de combinações de bens ou mercadorias que cada pessoa possui e os fins, às satisfações pessoais com seus meios de vida. Assim utilizaram-se do termo “intitulentos” para representar estes “meios”, o que permitiria atingir determinados “fins”. Logo, tais intitulentos seriam então os recursos

disponíveis ao nível individual, as condições para a realização de escolhas, sendo estabelecidos por ordenamentos legais, políticos e econômicos⁶.

Com base na abordagem de Sen (2008), pode-se afirmar que um leque (portfólio) maior de oportunidades e opções de escolha é fundamental para que os indivíduos possam estabelecer estratégias e tomar decisões sobre como lidar (*to cope*) com as mais distintas formas de vulnerabilidades a que estão submetidas, bem como incrementar a sua resiliência. É com base nesses elementos analíticos que as concepções em torno da diversificação dos meios de vida, tornam-se um referencial metodológico para operacionalizar a abordagem das capacitações, estabelecendo um diálogo profícuo com a perspectiva dos meios de vida ou *livelihoods*, uma vez que esta abordagem permite compreender as apreciações teóricas bem como sua aplicabilidade empírica.

A perspectiva da diversificação dos meios de vida

Estudiosos do desenvolvimento rural vêm rediscutindo as estratégias de combate à pobreza buscando esclarecer que: mais importante do que dar aos pobres o alimento seria dotá-los de recursos que estimulassem suas capacidades, fortalecendo os meios de que dispõem para realizar suas atividades. Portanto, a abordagem da diversificação dos meios de vida oferece um referencial teórico-metodológico importante para compreender o processo mais geral de mudança no meio rural (ELLIS, 2000; SCOONES, 2009; SCHNEIDER, PERONDI, 2012).

Recentemente, os próprios estudos do Banco Mundial e do IAASTD (*International Assessment of Agricultural Knowledge, Science and Technology for Development*), expressam que o futuro do mundo rural será determinado pelo modo como os agrupamentos humanos serão capazes de gerir a diversidade das espécies (biodiversidade), dos solos e dos ecossistemas em que vivem. Sugerem redirecionar o foco das pesquisas para o reconhecimento de que é preciso compreender a diversidade dos meios e os modos pelos quais os indivíduos lidam com as adversidades e os condicionantes nos contextos em que vivem (SCHNEIDER, 2010).

Neste sentido, pode-se verificar que a abordagem das capacitações de Sen é um importante arcabouço teórico aos estudos sobre desenvolvimento humano no contexto rural. Diante disso, a possibilidade de implementá-la é visualizada por meio da relação com a perspectiva dos *livelihoods* (meios de vida) de Frank Ellis, a qual foi inicialmente utilizada como uma ferramenta analítica para compreender a

⁶ É preciso destacar que esta proposta apresenta limitações. No caso, percebe-se que existe a possibilidade de uma apreciação prática do conceito de “entitlements” (a partir dos “capitais” da abordagem dos *livelihoods*), mas não parece haver possibilidade de operacionalizar o conceito de “funcionamentos”.

pobreza rural, tentando explicar como as pessoas faziam para sobreviver em situações de risco, incerteza, vulnerabilidade social e econômica (PERONDI, 2009). Segundo Ellis (2000), a diversificação dos meios de vida refere-se ao processo pelo qual as famílias rurais estabelecem um portfólio de atividades e capacidades de sobreviver e melhorar suas condições de vida.

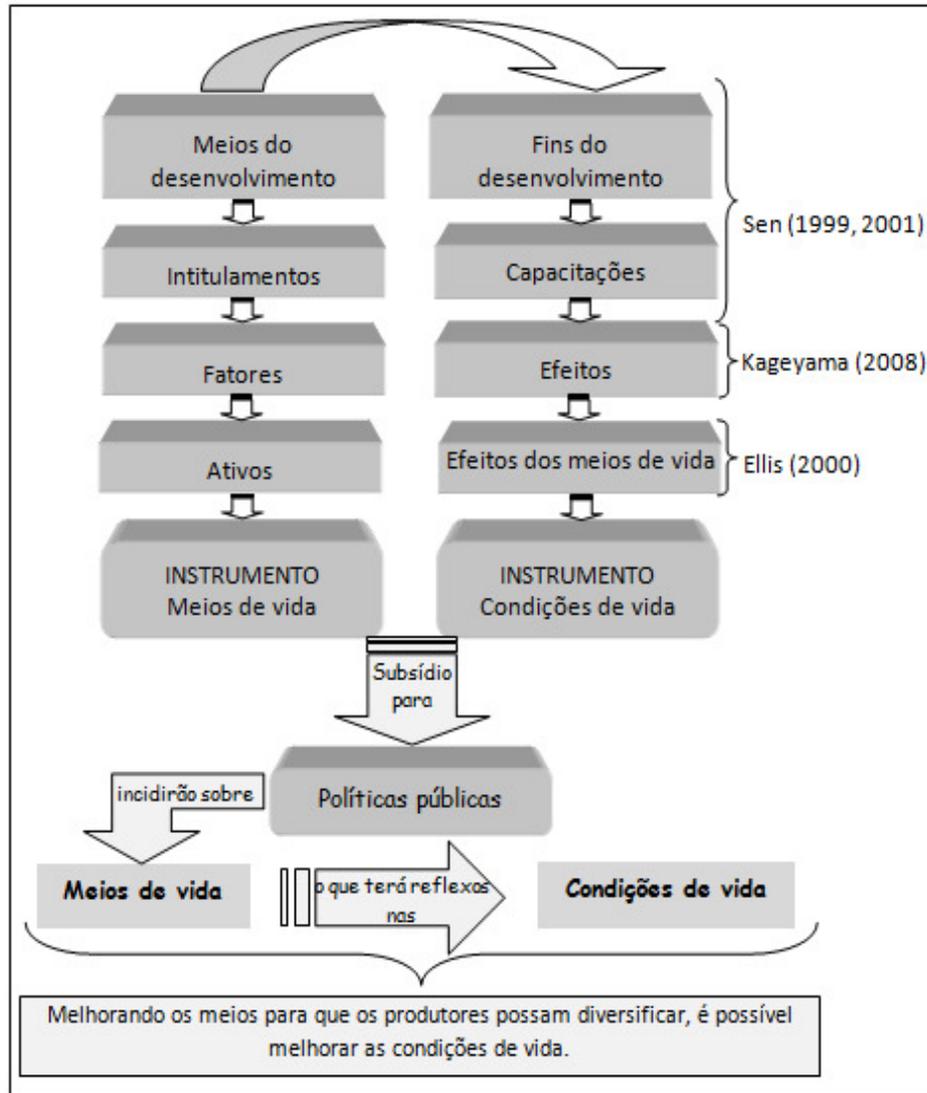
Conforme Schneider (2010a), tais estratégias partem da diversificação dos ativos disponíveis, dados pelo conjunto de capitais natural, físico, humano, social e financeiro, os quais podem estar relacionados às atividades agrícolas e não agrícolas, dentro ou fora da propriedade. O resultado destas iniciativas de diversificação é capaz de gerar melhorias de qualidade de vida e, assim, um incremento da resiliência dos meios de vida. Para Perondi (2007), a diversificação dos meios de vida no contexto rural é um fator determinante à agricultura familiar produtora de tabaco. Segundo o autor, mesmo que a especialização pareça propulsora de vantagens em termos financeiros, esta prática necessita de estabilidade econômica, trabalho exaustivo e intensificado, que leva muitas vezes ao desgaste humano e a não recompensa financeira.

Em Ploeg (2008), a análise da diversificação implica na busca do fortalecimento da base de recursos disponíveis aos agricultores e da capacidade de luta constante por autonomia e liberdade frente a um contexto de hostilidade, privação e adversidade. Ademais, o conceito de diversidade manifesta-se pelas diferentes formas de renda, atividades, ocupações, sistemas de produção, condições de trabalho, dependência produtiva, humana, etc. Trata-se então da criação de mecanismos/estratégias de diversificação que contribuam de forma decisiva na operacionalização de ações para o desenvolvimento rural, a fim de fortalecer os meios de vida dos indivíduos.

Por este motivo, a diversificação dos meios de vida parece ser um caminho que apresenta alternativas para maior estabilidade e autonomia às famílias de produtores. A diversificação não implica apenas na ampliação das possibilidades de obtenção de ingressos, especialmente rendas (agrícolas, não agrícolas e outras), mas representa, sobretudo, uma situação em que a reprodução social, econômica e cultural é garantida por meio de uma combinação ou de um repertório variado de ações, iniciativas, escolhas (SCHNEIDER, 2004), as quais podem se reverter em distintas estratégias.

Assim, partindo das análises sobre desenvolvimento de Amartya Sen e do que Frank Ellis traz acerca do conceito de diversificação dos meios de vida, pretende-se mostrar como estas duas abordagens servem de suporte teórico à construção de indicadores objetivos e subjetivos, multidimensionais, que possibilitam estudos sobre desenvolvimento como melhoria das condições de vida no meio rural. A figura 1 busca estruturar, ilustrativamente, a construção teórico-metodológica, bem como esquematizar os principais conceitos de acordo com os referenciais já descritos neste artigo.

Figura 1 Bases teóricas para a apreensão dos meios e condições de vida



Fonte: Elaboração própria.

A presente figura evidencia as relações entre as abordagens de Amartya Sen e Frank Ellis. Retornando à abordagem seniana e da diversificação dos meios de vida de Ellis, nota-se que para os autores é importante relacionar o que as famílias possuem com sua percepção para dar conta do que menciona Sen (2010) ao afirmar que o padrão, a qualidade ou as condições de vida não podem ser medidas apenas pela posse de um conjunto de bens, nem somente pela qualidade a eles inerente, mas pelas capacitações.

No que concerne aos agricultores que produzem tabaco no Rio Grande do Sul (estudo empírico), a ideia da diversificação implica refletir sobre as reais condições em que produzem e vivem. Em larga medida, isto se explica pela intensidade do uso dos fatores terra, capital e mão de obra e a inserção dos produtores em um circuito de compra de insumos e venda da produção para empresas que estão à

montante e à jusante dos produtores, limitando o círculo de oportunidades. No Brasil, assim como em outros países, existem trabalhos demonstrando que boa parte dos fumicultores dedicam-se a esta atividade por razões de natureza monetária, afirmando que esta cultura é mais rentável se comparada a outros sistemas de produção (*cash crops*), independentemente das consequências sobre suas condições de vida. (DESER, 2010). Retomando as bases teóricas da abordagem das capacitações, tal situação de dependência e de vulnerabilidade seria antagônica ao desenvolvimento.

Logo, quanto mais diversificada for a unidade produtiva maiores serão as possibilidades de escolha dos indivíduos ou maiores serão as estratégias estabelecidas para que a situação de vulnerabilidade possa ser superada (SCHNEIDER, 2010a)⁷. Assim, considera-se que é preciso compreender como e em quais circunstâncias as pessoas conseguem alterar, ou não, os condicionantes que permitem o acesso e controle aos recursos. Neste sentido, a hipótese levantada em nossa investigação parte da assertiva de que os produtores de tabaco menos dependentes da cadeia produtiva do tabaco tendem a apresentar melhores condições de vida. A figura 1 expressa os elementos-chaves dos referenciais teóricos permitindo então organizar os indicadores dos meios e condições de vida nos instrumentos de pesquisa (questionários) que deram origem ao Índice dos Meios de Vida e ao Índice das Condições de Vida. Estas caracterizações metodológicas serão descritas na seção seguinte.

Diretrizes metodológicas

Com base nos referenciais apresentados, a metodologia proposta consistiu na elaboração de dois instrumentos que consideraram tanto os meios quanto os fins do desenvolvimento, conforme figura 1. Entende-se que a abordagem dos meios de vida de Frank Ellis (2000) contribui enquanto um ferramental metodológico para operacionalizar a abordagem de Sen. Para tanto, é preciso relacionar o que as famílias possuem com sua percepção acerca disto, de modo a dar conta da ideia de Sen (2010) no que se refere à qualidade ou às condições de vida que não se medem pela posse de um conjunto de bens, mas pelas capacidades das famílias em utilizar esses bens para obter satisfação ou felicidade.

Nesse sentido, se por um lado não é suficiente ter conhecimento dos bens ou ativos que as famílias dispõem, por outro, também não é suficiente apenas ter conhecimento da percepção destas famílias sobre suas condições de vida. Esta é a

⁷ Certamente neste quesito suscitam análises sobre as relações de poder entre agroindústrias e agricultores familiares e como estas interferem nas escolhas das famílias. No entanto, a proposta teórica-metodológica utilizada não permite tal inferência em termos quantitativos, mas que são de extrema importância nestas discussões.

proposição que justifica a elaboração de dois instrumentos de pesquisa. Vale ressaltar também, que embora estas questões e delineamentos tenham sido pensados originalmente para produtores de tabaco, pode-se dizer que o modelo aqui proposto aplicar-se-ia a outras realidades rurais, principalmente em regiões vulneráveis e de baixos índices de desenvolvimento, mas com PIB elevado, ou altos valores de produção em relação aos chamados *cash crops* (cultivos/produtos comerciais), como é o caso da soja e da cana de açúcar, por exemplo.

A unidade de análise

Neste estudo, a unidade de análise adotada foi a família ou *household*, considerada a que mais se ajusta aos trabalhos sobre estratégias de reprodução dos agricultores familiares. De acordo com a proposta teórica de Ellis (2000), tal unidade permite identificar as relações entre os indivíduos, as relações “face a face” na estrutura familiar, bem como as relações da unidade com o coletivo e a comunidade em geral. Segundo o autor, análises sobre o meio familiar tornam-se importantes na identificação de normas, valores e regras que influenciam as ações dos indivíduos e mesmo a conduta destes na formulação de suas estratégias, tanto individuais quanto familiares, em busca da melhoria nas condições de vida. Assim, em janeiro de 2012, no município de Arroio do Tigre/RS realizou-se uma pesquisa de campo a qual objetivou caracterizar e relacionar a diversificação dos meios de vida com as condições de vida. Para tal, foram entrevistadas 38 famílias produtoras de tabaco.

Os indicadores

No presente trabalho, a seleção de indicadores originou-se da necessidade de ressaltar as mudanças, ou o desenvolvimento dos indivíduos por aspectos que expliquem as causas do “não desenvolvimento” ou as causas das privações, para além da variável renda como fator único. Assim, buscou-se compreender questões de desenvolvimento e bem-estar por indicadores sociais multidimensionais para então elencar os indicadores objetivos de condições de vida (relacionados com aquilo que Sen denominou como intitamentos e Ellis como ativos) e os indicadores subjetivos, a fim de captar a percepção dos produtores de tabaco em relação às suas condições de vida. Os indicadores que compõem esta proposta teórico-metodológica estão baseados em dimensões multivariadas, as quais abarcaram o aspecto natural, físico, humano, financeiro e social, aplicados tanto aos capitais (que remetem aos meios de vida), quanto aos efeitos (no caso das condições de vida), conforme quadro 1.

Quadro 1 Dimensões e seus Componentes objetivos e subjetivos

Dimensões	Capitais: Meios de Vida – objetivo	Condições de Vida: percepções – subjetivo
Natural	Água, solos, preservação da flora, fauna.	Com recursos ambientais da propriedade.
Humano	Educação, saúde, trabalho e nutrição.	Com o nível educacional, condições de saúde e dos serviços, trabalho.
Social	Relações entre indivíduos, com a comunidade e atividades culturais.	Com relações com membros da família e com a comunidade.
Financeiro	Receitas e atividades agrícolas e não agrícolas.	Com os ganhos financeiros da família.
Físico	Moradia e infraestrutura.	Com a infraestrutura da propriedade e acessos.

Fonte: Elaboração própria com base em Ellis (2000).

Instrumentos de pesquisa

Os instrumentos de pesquisa tiveram como base os indicadores apontados no quadro 1 acima e nas perspectivas de Sen e Ellis, considerando o que se denominou como meios e percepções. Assim, o primeiro instrumento buscou identificar os intitamentos (SEN, 2008), fatores (KAGEYAMA, 2008) ou os meios/ativos (ELLIS, 2001); o segundo foi pautado nos efeitos (ELLIS, 2000; KAGEYAMA, 2008), percepções (SEN, 2008) referentes a cada meio de vida identificado pelo primeiro instrumento e que resultam dos usos que as famílias fazem (ou não) dos ativos que possuem (se os possuírem). No que se refere à organização das variáveis, ambos os questionários apresentaram possibilidades de respostas estruturadas em escalas de avaliação que oscilaram de valores baixos (ou zero) a valores altos (até um), tanto para os meios quanto para percepções desses ativos.

Assim, as questões tiveram duas, quatro ou cinco alternativas, o que permitiu alcançar um gradiente, variando entre menos e mais positivo para a diversificação dos meios de vida. Os valores atribuídos às variáveis foram baseados em escalas

*Likert*⁸. Capitais e efeitos tiveram o mesmo peso na composição da média geral de seus índices, sendo que o índice correspondente a cada capital ou efeito também resultou da média simples das respostas obtidas, tendo todas as perguntas o mesmo peso⁹.

Cabe ainda explicar que para cada pergunta acerca dos capitais – questionário sobre meios de vida – houve uma pergunta correspondente aos efeitos no questionário sobre condições de vida, de modo a possibilitar o estabelecimento de relações entre meios e fins. Tecnicamente, ambos os instrumentos de pesquisa foram do tipo fechado e de múltipla escolha. Ao fim, chegou-se ao Índice dos Meios de Vida – IMV (resultado da média simples dos capitais, entre 0 e 1) e ao Índice de Condições de Vida – ICV (média simples das percepções – 0 e 1), observando que quanto mais próximo de 1, melhor o índice.

As respostas obtidas com a aplicação dos questionários foram tabuladas e originaram gráficos no formato radar ou biogramas (SEPÚLVEDA, 2008). Nesses biogramas observa-se que quanto maior for a área do gráfico e maior for o equilíbrio entre os eixos, melhores os meios e as condições de vida. Conforme proposta teórica é importante que a distribuição dos recursos seja uniforme e harmônica, o que significa pensar que não basta aqui ter bens materiais, infraestrutura e maquinários se o meio ambiente e o conjunto de recursos financeiros não permitem a criação de estratégias de diversificação e, portanto, buscar melhores condições de vida.

Categorização do grupo de pesquisados: diversificados, pouco diversificados e especializados

Conforme Ellis (2000), a diversificação refere-se ao processo pelo qual as famílias rurais constroem um diversificado portfólio de atividades e capacidades para sobreviver e melhorar suas condições de vida. Para captar este portfólio, foi necessário considerar todas as atividades produtivas da família – agrícolas e não agrícolas, dentro e fora da propriedade – uma vez que é o conjunto destas que caracteriza cada meio de vida. Logo, os elementos que levaram à classificação dos produtores de tabaco quanto ao seu grau de diversificação seguiram definições operacionais e heurísticamente viáveis, considerando duas variáveis independentes, quais sejam: (a) o valor relativo da produção de tabaco *vis a vis* o total da produção agrícola em um estabelecimento: o montante que o tabaco

⁸ As escalas *Likert* possibilitam avaliações que variam de 1 (valores baixos) a 5 (valores altos).

⁹ Para exemplificar, se a questão se dividia em duas alternativas somente existiram valores de 0 e 1; se fossem com quatro alternativas para respostas, estas variariam entre 0, 0,333, 0,666 e 1; sendo questões com cinco alternativas, estariam entre 0, 0,25, 0,50, 0,75 e 1.

representa nas receitas/ganhos totais das atividades produtivas (agrícolas ou não agrícolas, dentro ou fora da propriedade) e; (b) a quantidade de tempo de trabalho que a família dedica ao cultivo do tabaco em relação ao tempo total gasto nas demais atividades produtivas.

A partir das duas variáveis mencionadas foi possível classificar os agricultores produtores de tabaco em três categorias que variam das famílias *diversificadas* (até 50% da receita e até 50% do tempo de trabalho dedicado ao tabaco) às *especializadas* (mais de 75% da receita ou do tempo de trabalho voltado ao tabaco), passando pelas *pouco diversificadas* (demais casos que não se enquadram nos anteriores). Em termos operacionais e metodológicos, a partir dessa tipologia foi possível: (1) compreender os *fatores que determinam a possibilidade (ou não) de diversificar* que remetem aos capitais (natural, humano, social, financeiro, físico), sua posse (ou não), o que caracteriza os meios de vida; (2) verificar os efeitos que estes ativos têm sobre as condições de vida dos diferentes grupos (diversificados, pouco diversificados e especializados) e; (3) observar qual capital e efeito apresentava-se mais vulnerável nas três tipologias de produtores de tabaco.

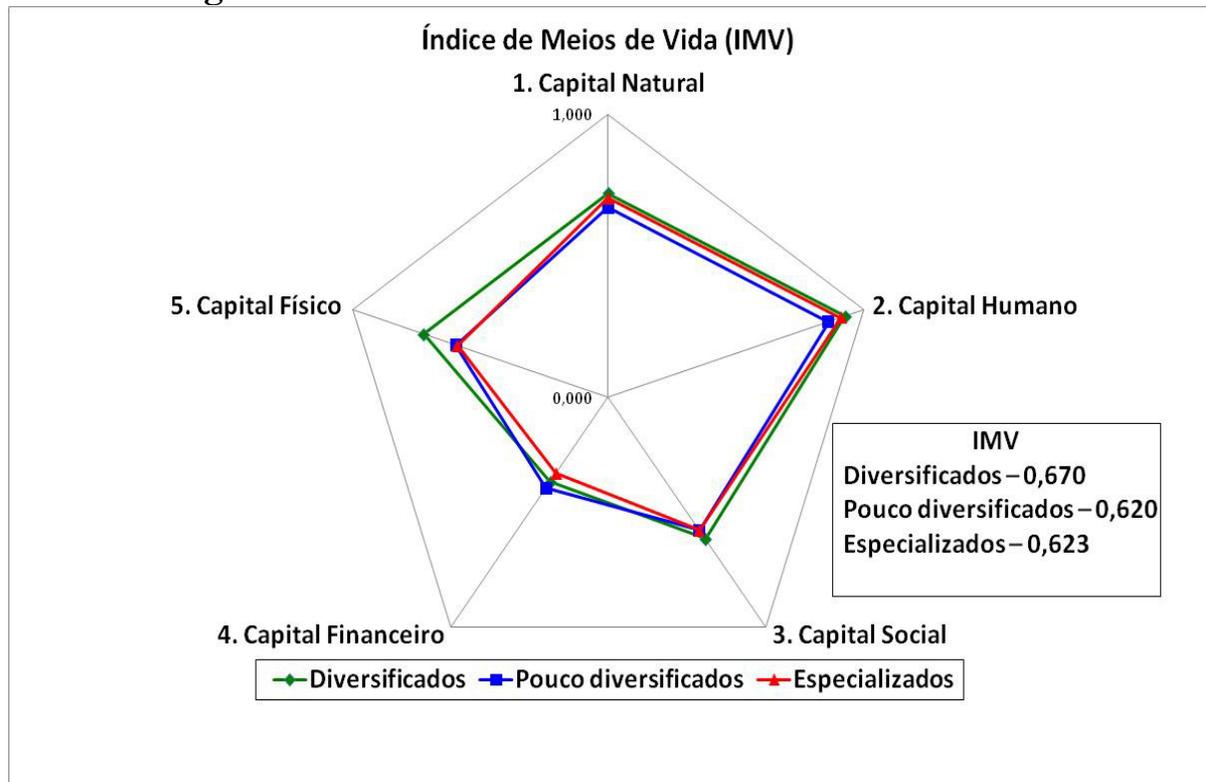
Assim sendo, quanto mais especializada for uma família (*household*) mais dependente é toda sua organização social daquele *cash crop*, no caso, a cadeia produtiva do tabaco, ou ainda, quanto mais diversificada for a unidade familiar menor será seu grau de dependência desse processo de produção agrícola. Ademais, a cada grau de diversificação, haverá pelo menos dois biogramas: um relativo aos meios de vida e outro às condições de vida.

Os meios e as condições de vida de agricultores familiares produtores de tabaco de Arroio do Tigre-RS

De forma geral, obteve-se o Índice de Meios de Vida (IMV) de 0,626 e um Índice de Condições de Vida (ICV) de 0,615. Este resultado demonstra que as percepções dos entrevistados sobre suas condições de vida são piores em relação a seus capitais (meios de vida). Tal situação evidencia que as famílias pesquisadas não possuem capacitações suficientes para levarem a vida que desejam, apesar de deterem diferentes meios/intitamentos/recursos (ELLIS, 2000; SEN, 2008).

A partir da compilação das respostas (já explicitado na seção 3.3) tem-se inicialmente a categorização dos produtores em relação ao grau de diversificação, a saber: 13% de famílias diversificadas; 26% pouco diversificadas; 61% especializadas, o que denota um considerável grau de especialização dos agricultores familiares produtores de tabaco de Arroio do Tigre. A seguir, é possível observar os resultados dos capitais em relação à categorização das famílias; o biograma da figura 2 demonstra o IMV segundo o grau de diversificação das famílias pesquisadas.

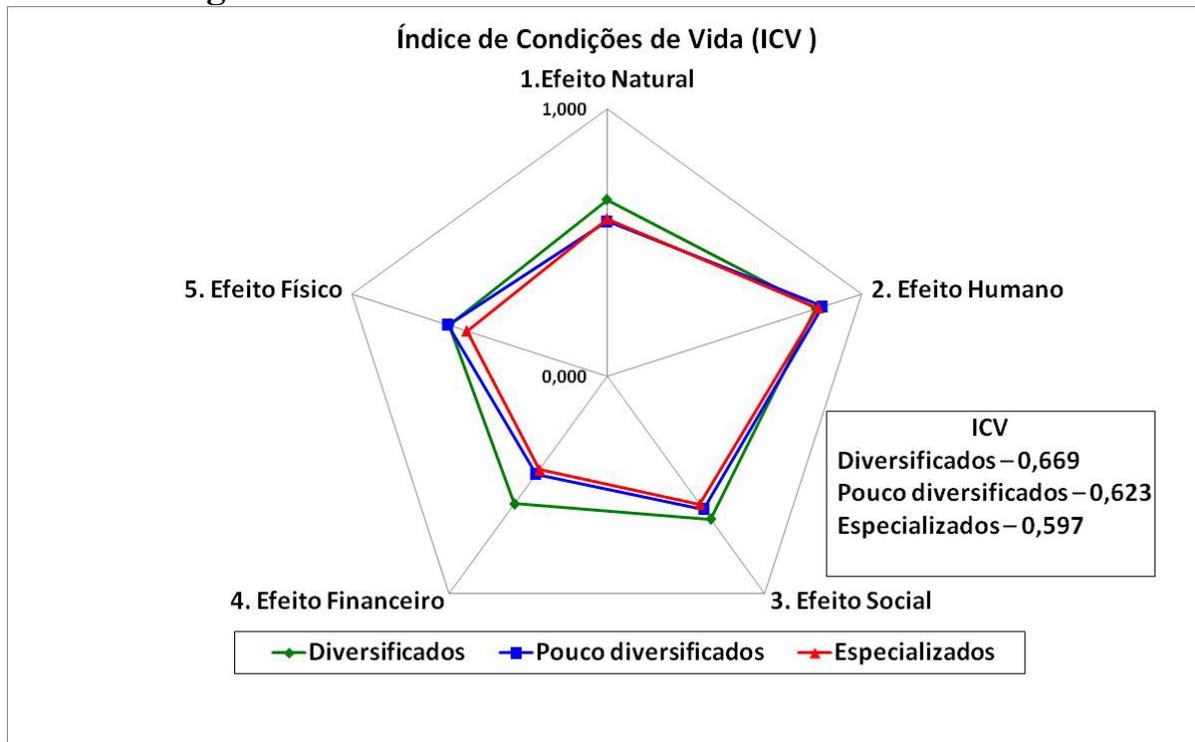
Figura 2 Biograma representativo do Índice dos Meios de Vida (IMV), Arroio do Tigre-RS



Fonte: Elaboração própria.

Como é possível analisar, as famílias diversificadas apresentaram melhor IMV (0,670), seguidas das especializadas (0,623) e das pouco diversificadas (0,620). Ainda, pelo gráfico pode-se afirmar que, em relação ao conjunto dos meios para o desenvolvimento, aquelas famílias consideradas diversificadas encontram-se em uma situação mais propulsora de melhoria das condições de vida e bem-estar que as demais, apontando para uma situação de maior vulnerabilidade daquelas famílias que não são especializadas, mas que buscam alguma alternativa para redução da dependência da cadeia produtiva do tabaco – pouco diversificadas. Quanto ao Índice de Condições de Vida (ICV), a figura 3, que segue, demonstra novamente que os agricultores diversificados estão melhor posicionados em relação aos demais grupos, sendo seu ICV de 0,669, seguido, desta vez, dos pouco diversificados (0,623) e dos especializados (0,597).

Figura 3 Biograma representativo do Índice de Condições de Vida (ICV), Arroio do Tigre-RS



Fonte: Elaboração própria.

Em relação ao Capital Financeiro, este se mostrou como o mais vulnerável para os três grupos de famílias fumicultoras, o que permitiria inferir inicialmente que a cultura do tabaco não necessariamente amplia ou traz crescimento econômico aos produtores. Comparando as médias dos capitais (figura 2), é possível verificar que o financeiro se mostrou mais baixo nas três categorias de produtores; já pelo biograma das condições de vida (figura 3), os diversificados apresentaram melhores efeitos financeiros em relação aos especializados e pouco diversificados. Com base em Sen (2010), Ellis (2000) e Ploeg (2008), isso pode representar uma maior capacidade de agência dos agricultores diversificados no sentido de travar sua luta pela sobrevivência e construção de autonomia através de processos de conversão de recursos em fins desejados.

No caso dos agricultores diversificados, observou-se que os meios e as condições de vida alcançaram praticamente o mesmo índice: IMV com média de 0,670, e ICV com 0,669. Os agricultores pouco diversificados também demonstram que sua percepção acerca das condições de vida (0,623) se aproxima do Índice de Meios de Vida (0,620). Diferentemente, os especializados são os mais insatisfeitos com suas condições de vida, pois enquanto a média dos capitais gerou um índice de 0,623, a das condições de vida alcançou apenas 0,597. Tal resultado reforça que especialização produtiva não se traduz, necessariamente, em melhoria de bem-

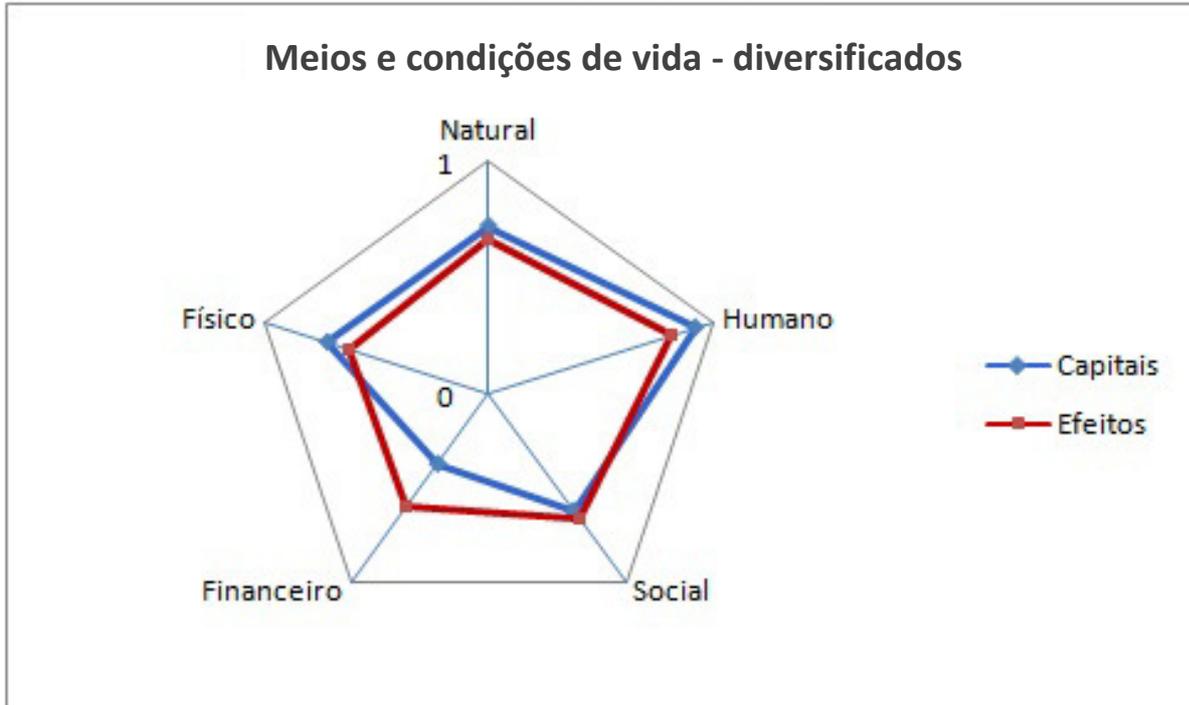
estar, uma vez que os benefícios do crescimento econômico parecem não conseguir ampliar as capacidades humanas gerais (SEN, 2010).

Outro ponto a ser referido nesta primeira análise é que existe uma diferença na área dos gráficos: o primeiro (IMV – figura 2) apresentou uma área mais irregular e menor, o segundo (ICV – figura 3) apresentou uma área mais uniforme e maior, o que permite considerar que existem diferenças entre o que as famílias possuem – seus capitais – e a percepção dos efeitos destes capitais sobre suas condições de vida. As razões destas discrepâncias podem estar associadas ao que Ploeg (2008) denomina de espaços de manobra, nos quais os agricultores mobilizam um repertório de recursos criando estratégias para manter e ampliar sua autonomia. Por sua vez, esse resultado também pode ser um indicativo daquilo que Sen (1993) chama de acomodação resignada à privação continuada e à vulnerabilidade, o que resultaria da ausência de uma forte demanda pública e de um desejo de modificar essa situação.

Também foi possível especificar os dados apresentados por capitais e efeitos para cada grupo de agricultores. O biograma da figura 4 evidencia que no grupo dos diversificados, os capitais natural (0,720), humano (0,927) e físico (0,722) estão melhor posicionados em relação à percepção de seus efeitos, os quais apresentaram um índice de 0,660; 0,820 e 0,620, respectivamente (ICV). O contrário ocorreu com os capitais social (0,615) e financeiro (0,722), cujos efeitos tiveram índices de 0,658 e 0,588. Nesse grupo, a variável financeira é aquela que apresenta piores resultados, tanto no IMV quanto no ICV. Já o capital e efeito humano são responsáveis pelos melhores índices.

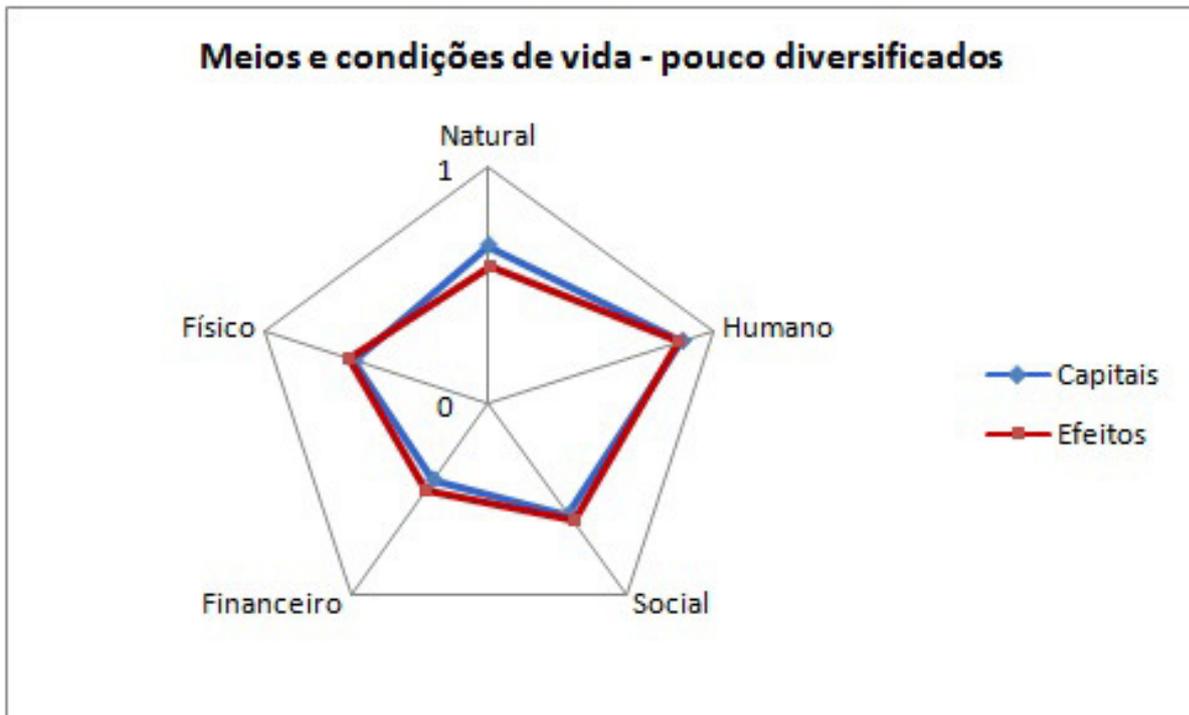
Quanto ao grupo de agricultores pouco diversificados (figura 5), apenas o capital natural (0,670) e capital humano (0,863) estão melhor posicionados em relação a seus efeitos sobre as condições de vida (figura 5). Estes efeitos apresentaram índices de 0,580 (natural) e 0,845 (humano). Os demais capitais possuem um índice inferior ao efeito: o capital social teve índice de 0,578 e seu efeito de 0,613; o capital financeiro média de 0,394 enquanto que seu efeito ficou com 0,451; e o capital físico obteve média de 0,596 e um efeito de 0,625. Tal como no grupo dos diversificados, os pouco diversificados apresentam no aspecto financeiro seu pior índice e no humano seus melhores índices.

Figura 4 Comparação entre IMV e ICV dos produtores de tabaco diversificados



Fonte: Elaboração própria.

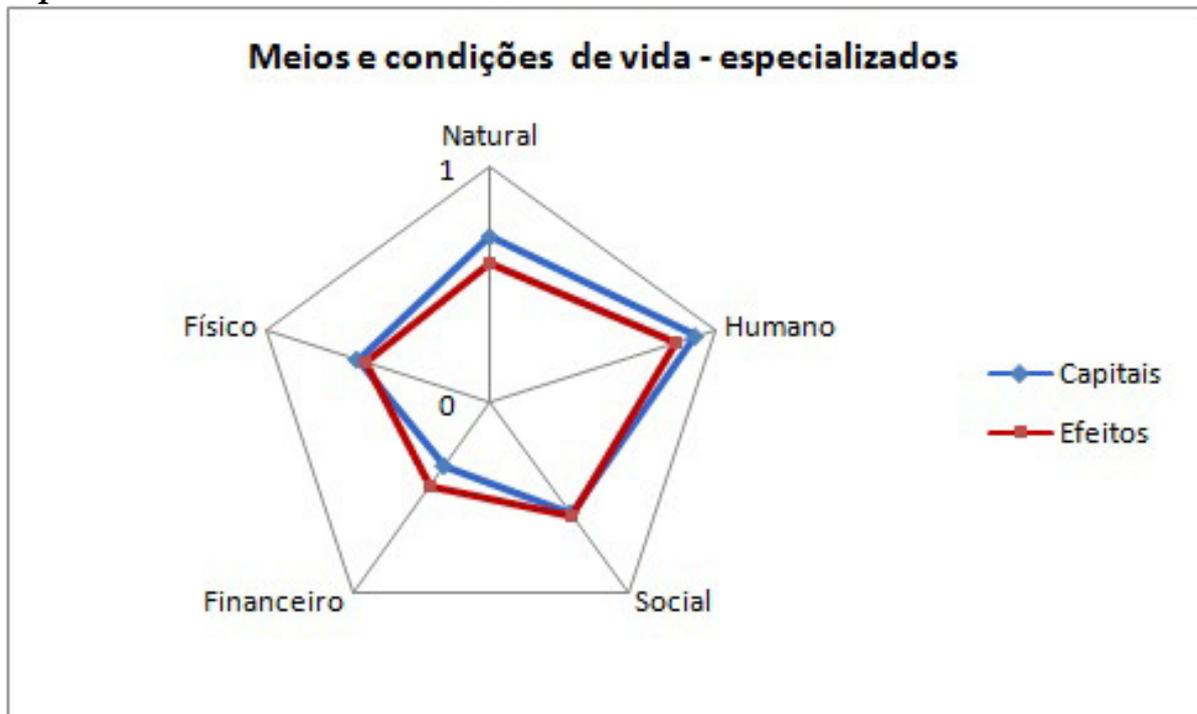
Figura 5 Comparação entre IMV e ICV dos produtores de tabaco pouco diversificados



Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos especializados (figura 6), o capital natural (0,705), capital humano (0,911) e capital físico (0,590) apresentaram-se melhores que seus efeitos, respectivamente, com médias de: 0,588 (natural); 0,829 (humano) e 0,550 (físico). Já os efeitos (0,431) são melhores que os capitais (0,331) no quesito financeiro; o mesmo ocorreu para o social: o efeito ficou com índice de 0,588 e seu capital de 0,579. Não diferente dos demais grupos, a variável financeira representa o pior índice e a humana, o melhor.

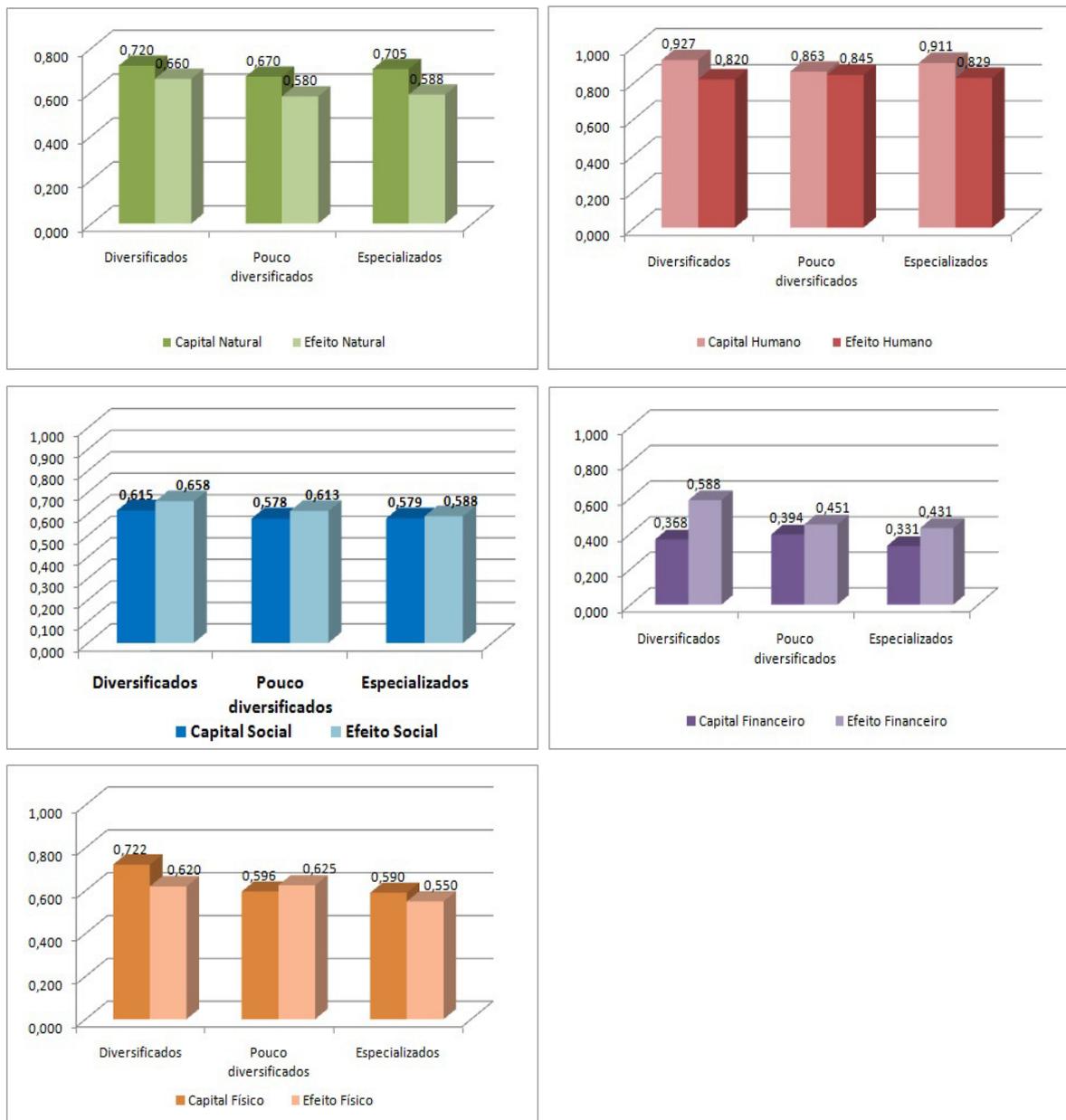
Figura 6 Comparação entre IMV e ICV dos produtores de tabaco especializados



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, a figura 7 traz um comparativo entre capitais e efeitos em relação ao grau de diversificação, o que permitiu analisar os capitais e efeitos mais vulneráveis de cada grupo de produtores e bem como os melhores indicadores.

Figura 7 Comparação gráfica entre capitais e efeitos nas três categorias de famílias fumicultoras



Fonte: Elaboração própria.

Os dados dos gráficos apresentados na figura 7 mostram que, em geral, as famílias diversificadas mostram situação menos vulnerável em relação às demais quanto aos seus capitais, sendo que o capital financeiro é mais vulnerável para os três grupos. Analisando as variáveis que compõem os indicadores, observamos que contribuiu negativamente para o índice da dimensão financeira, em ordem decrescente, a pequena diversificação de atividades a gerarem receitas na propriedade, a proporção de receitas geradas fora da propriedade, seguidas da diversificação dos canais de comercialização dos produtos e o montante de

receitas destinadas ao pagamento de dívidas. Isto poderia significar que as políticas públicas de diversificação poderiam ser direcionadas a esta dimensão, especialmente na promoção de melhorias ou incentivos para ampliação do capital financeiro.

Entretanto, ao se relacionar este capital ao seu efeito, essa conclusão pode-se mostrar precipitada, uma vez que o grau de satisfação com a condição financeira (efeito) apresentou média maior nas três categorias de produtores. Individualmente, isso pode demonstrar pouca propensão dos agricultores a diversificar suas receitas, justamente por entenderem que os efeitos são melhores que os próprios capitais, dificultando a implementação de políticas nesta dimensão.

A segunda dimensão que apresentou resultados mais baixos foi a social, e tal como a financeira, os efeitos também foram considerados melhores que os próprios capitais. Notou-se, por exemplo, que os entrevistados participam, sobretudo, de atividades religiosas (e menos de atividades esportivas e festas) na comunidade; em relação ao acesso à informação, esta se dá por meio de rádio, televisão, assistência técnica e extensão rural e com vizinhos, mas há pouco acesso à internet e jornais e revistas. Assim, percebeu-se que apesar das limitações, os entrevistados mostram algum grau de satisfação ou acomodação resignada com tal situação – social e financeira.

Na sequência, a dimensão com menor índice referiu-se à natural, tendo esta os efeitos piores em relação aos capitais. A grande maioria dos entrevistados relatou que emprega alguma prática de conservação do solo e utilizam os agrotóxicos conforme o receituário técnico, o que contribuiu positivamente para o índice. Já, negativamente, contribuiu a falta de proteção dos cursos d'água e nascentes, a baixa presença de animais silvestres nas propriedades e o uso intensivo de lenha, a qual é comprada e às vezes produzida nas propriedades para a secagem do tabaco (uma vez que a exigência legal requer lenha de reflorestamento como eucalipto).

Ainda sobre a questão ambiental, estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) estimam que, a cada ano, cerca de 200 mil hectares de matas e florestas são destruídos no mundo para dar lugar a plantações de tabaco. Problemas ambientais, tais como, uso demasiado de agrotóxico, desgaste dos solos, contaminação de rios e arroios também recebem atenção em pesquisas sobre a produção de tabaco (ERIKSEN, MACKAY, ROSS, 2012). Outros pesquisadores apontam que o desmatamento para produção de lenha, tendo em vista o processo de secagem do tabaco, alcança um consumo de 1,8 milhão de toneladas de lenha/safra nos estados da região sul do Brasil (ALMEIDA, 2005). Frente a isso, os resultados do presente trabalho mostraram os efeitos ambientais piores que os capitais evidenciando uma insatisfação dos agricultores com as questões que envolvem o meio ambiente nas propriedades.

Quanto à dimensão física, que se refere à infraestrutura nas propriedades, contribuiu negativamente e em ordem decrescente: máquinas e equipamentos que as famílias dispõem, montante que o tabaco representa na área da propriedade, infraestrutura de acesso às propriedades, infraestrutura de moradia e, por fim, armazenamento das embalagens de agrotóxicos. Neste ponto, evidencia-se a carência de máquinas e equipamentos adaptados ao porte da agricultura familiar, o que poderia acarretar uma diminuição do trabalho manual e talvez, aumento de tempo de trabalho a outras atividades agrícolas e não agrícolas, facilitando um processo de diversificação pela pluriatividade.

Já a dimensão humana foi a que apresentou índices mais elevados e efeitos melhores que os capitais, uma vez que todos os membros das famílias foram apontados como alfabetizados, as crianças em idade escolar (quando o caso) frequentavam a escola, tendo a maior parte dos alimentos produzidos nas propriedades – autoconsumo. As variáveis que contribuíram negativamente para o índice, neste caso, foram: receitas gastas em remédios e a necessidade de diminuição da ingestão de álcool. A partir destas observações, pode-se dizer que as questões de saúde vão ao encontro das constatações de Schoenhals, Follador e Silva (2009), em pesquisa realizada no estado do Paraná, os quais afirmaram que mesmo os produtores de tabaco relatando que vêm sofrendo com problemas de saúde, os mesmos relutam em associar tais problemas ao cultivo do tabaco e, conseqüentemente, o contato direto/indireto com agrotóxicos, demonstrando a necessidade de maiores esclarecimentos em relação aos efeitos do uso de insumos químicos e sobre a Doença da Folha Verde do Tabaco (DFVT).

Considerações finais

A elaboração dos Índices dos Meios de Vida e das Condições de Vida aplicada a áreas de agricultura familiar produtora de tabaco representou um esforço no sentido de elaborar instrumentos de pesquisa que incorporem uma concepção mais holística de desenvolvimento. Além de atentar para o reconhecimento da diversidade dos meios de vida, um importante ponto considerado diz respeito ao esforço de captar a multidimensionalidade do desenvolvimento, não se restringindo à dimensão econômico-financeira. Ademais, o esforço em distinguir meios e fins também possibilitou uma visão mais integral do desenvolvimento, uma vez que os instrumentos apontaram discrepâncias entre os intitamentos e capacitações das famílias produtoras de tabaco, ou seja, entre meios e fins.

Outro avanço reside na atenção prestada à percepção dos indivíduos entrevistados. Grande parte dos índices que propõem apreender o desenvolvimento, mesmo que de forma multidimensional, são baseados em dados secundários. Desta forma, dificilmente seria possível captar o que Sen denomina liberdade para levar a vida que se almeja, tal como é possível perceber por meio do

ICV agregado ao IMV. De acordo com as apreciações anteriormente descritas, pode-se depreender que os meios de vida dos agricultores sofrem influência das relações sociais, das instituições e organizações atuantes em diferentes escalas e ao longo do tempo, das condições ambientais e não apenas de aspectos econômicos. Ou seja, o desencadeamento de processos de desenvolvimento no meio rural vai além de transferência de renda ao agricultor e eficiência na produtividade.

As análises dos resultados dos índices, além de apontarem em que medida os níveis de diversificação interferem nas condições de vida, poderão ressaltar quais dimensões (natural, físico, humano, social, financeiro) mostram-se mais vulneráveis. Estes resultados poderão auxiliar a formulação e execução das políticas públicas de diversificação, apontando para o público e as dimensões prioritárias de ações. Ainda, o fato dos resultados dos índices serem obtidos com os próprios agricultores representa uma fortaleza desta proposta teórico-metodológica, uma vez que isso significa maior possibilidade de adequação das políticas às necessidades dos agricultores familiares.

Contudo, é preciso reconhecer que em cada dimensão cabe ainda pesquisar e analisar se uma percepção positiva sobre os efeitos gerados pelos capitais realmente reflete a liberdade das pessoas levarem a vida que desejam, ou se as famílias estão acomodadas e acostumadas a uma situação de privação que se tornou naturalizada. Nesse sentido, novas pesquisas qualitativas e complementares fazem-se necessárias, ou a realização de estudos comparativos em diferentes recortes espaciais ou temporais, já que os índices analisados (IMV e ICV) retratam um instante da realidade. Este instante pode ser comparado com um posterior, ou com um recorte espacial distinto, sendo possível observar a dinâmica dos meios e condições de vida ao longo do tempo, comparativos estes que seriam interessantes para avaliar e/ou monitorar alguma política pública neste contexto.

A análise da diversificação dos meios de vida traz a possibilidade de ações públicas de fortalecimento da base de recursos/ativos disponíveis aos agricultores, bem como de sua capacidade de luta constante por autonomia e liberdade, frente a um contexto de hostilidade, vulnerabilidade, privação e adversidade. Logo, ao identificar as lógicas e compreender as dinâmicas dos meios de vida, pode-se criar/incentivar mecanismos para subsidiar políticas de modo que estas fortaleçam as capacidades dos agricultores familiares para substituir seus ativos e produzir respostas capazes de enfrentar ou se adaptar às adversidades dos contextos em que estão inseridos. Como reforça Ellis (2000), na medida em que um ativo puder ser construído, adquirido, modificado ou convertido em outro, maior será a possibilidade de sucesso das respostas de enfrentamento ou adaptação dos meios de vida, melhorando, conseqüentemente, as condições de vida dos agricultores e suas famílias.

Apesar desses avanços, diversos desafios colocaram-se a esta pesquisa como, por exemplo, entender as razões que determinam resultados distintos entre capitais e

seus respectivos efeitos, avaliar em que medida as variáveis utilizadas são as que melhor expressam os meios e as condições de vida, bem como se os critérios de classificação quanto ao grau de diversificação são suficientes e adequados. Outro aspecto tido como um desafio foi quanto às respostas dadas pelos entrevistados, apresentando uma tendência à média dos resultados quando se captou a percepção. Ademais, observou-se neste artigo que relacionar dados objetivos (o que foi possível por meio do instrumento que deu origem ao IMV) com subjetivos (dados pela percepção captada pelo ICV) mostrou-se como uma forma de minimizar, em alguma medida, esta questão.

Portanto, entende-se que a metodologia proposta traz uma importante contribuição às discussões sobre desenvolvimento humano, qualidade de vida e diversificação, uma vez que aponta elementos pertinentes à compreensão da diversidade de realidades que existe no âmbito da agricultura familiar, em especial, da produtora de tabaco. Analisar as estratégias desenvolvidas pelos indivíduos e/ou famílias (ELLIS, 2000), com base em suas capacidades, conhecimentos e trajetórias locais, torna-se importante frente ao reconhecimento, por diferentes esferas e instâncias, de que o futuro do mundo rural será determinado pelo modo como os agricultores e demais atores vinculados, serão capazes de gerir e explorar a diversidade que se expressa por seus ativos.

Enfim, a partir das correlações apresentadas, entende-se que a abordagem das capacitações aliada à abordagem dos meios de vida, pode acrescentar novos elementos às discussões sobre o desenvolvimento. Considera-se que a proposta teórico-metodológica apresentada reforça a importância dos estudos sobre diversificação dos meios de vida, podendo ser um importante instrumento de mediação entre o meio rural e a formulação de políticas públicas. Desse modo, poderá contribuir para pensar o desenvolvimento na perspectiva de alargamento da qualidade de vida dos indivíduos e suas famílias, o que tem estado cada vez mais presente nas falas de atores públicos e privados.

Referências

ALLARDT, E. Tener, Amar, ser: una alternativa al modelo sueco de investigación sobre el bienestar. In: NUSSBAUM, M.; SEN, A. (Org.). **La calidad de vida**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 126-134.

ALMEIDA, G. E. G. de. **Fumo**. Servidão moderna e violações de direitos humanos. Curitiba: Terra de Direitos, 2005. Disponível em: <http://actbr.org.br/uploads/conteudo/594_Fumo_serv_moderna_livro.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2015.

DESER. Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais. **Tabaco: da produção ao consumo. Uma cadeia da dependência.** Curitiba: ActBR/Health Bridge, 2010. Disponível em: <<http://www.deser.org.br/publicacoes/revistaTabaco-Elabora%C3%A7%C3%A3oDeser-ACT.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries.** Oxford: Oxford University, 2000.

ERIKSON, R. Descripciones de la desigualdad: el enfoque sueco de la investigación sobre el bienestar. In: NUSSBAUM, Martha C.; SEN, Amartya (Org.). **La Calidad de Vida.** México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 101-120.

ERIKSEN, M.; MACKAY, J.; ROSS, H. **The tobacco atlas.** Atlanta: GA-American Cancer Society; New York: World Lung Foundation; 2012. Disponível em: <<http://www.tobaccoatlas.org>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

FREITAS, T. D. **A Diversificação dos meios de vida como expansão das capacitações: por uma sociologia das condições de vida na fumicultura no Rio Grande do Sul.** 2015. 326f. Tese (Doutorado em Sociologia). Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

HERCULANO, S. et al. A Qualidade de vida e seus indicadores. In: HERCULANO, S. et al. **Qualidade de Vida e Riscos Ambientais.** Niterói: Eduff, 2000.

KAGEYAMA, A. A. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

MATTE, A. **Vulnerabilidade, capacitações e meios de vida dos pecuaristas de corte da Campanha Meridional e Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul.** 2013. 176f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PERONDI, M. et al. A estratégia de diversificação dos meios de vida: o estudo da trajetória de uma família rural no Sudoeste do Paraná. In: 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER). **Anais...** Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/1140.pdf>> Acesso em: 23 de jan. 2015.

PERONDI, M. et al.; SCHNEIDER, S. Bases teóricas da abordagem de diversificação dos meios de vida. **Revista Redes**, v. 17, n. 2, p. 117-135, 2012.

PETTTT, P. **The quality of life**. New York: Oxford University Press, 1993.

REDIN, E. **Família rural e produção de tabaco**: estratégias de reprodução social em Arroio do Tigre/RS. 2015, 305f. Tese (Doutorado em Extensão Rural). Pós-Graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, n. 11. p. 88-125. 2004.

SCHNEIDER, S. **Diversificação como estratégia de desenvolvimento rural**: referências teóricas para construção de alternativas economicamente sustentáveis de diversificação da produção e renda em áreas de cultivo do tabaco no Brasil – subsídios à implementação dos Artigos 17 e 18 da Convenção-Quadro para Controle do Tabaco. (=Relatório de Pesquisa). Porto Alegre, 2010a.

SCHNEIDER, S; FREITAS, T. D. Qualidade de vida, diversificação e desenvolvimento: referências práticas para análise do bem estar no meio rural. **Revista Olhares Sociais**, n. 2, p. 121-142. 2013.

SCOONES, I. Livelihoods perspectives and rural development. **Journal of Peasant Studies**, v. 36, n. 1. 2009.

SEN, A. K. O desenvolvimento como expansão de capacidades. **Revista Lua Nova**, São Paulo, n. 28-29, abr. 1993.

SEN, A. K. Capacidad y Bienestar. In: NUSSBAUM, Martha C.; SEN, Amartya. **La Calidad de Vida**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 54-83.

SEN, A. K. **Desigualdade reexaminada**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHOENHALS, M.; FOLLADOR, F. A. C.; SILVA, C. Análise dos impactos da fumicultura sobre o meio ambiente, a saúde dos fumicultores e iniciativas de gestão ambiental na indústria do tabaco. **Revista de Engenharia Ambiental**, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 2, p. 016-037. 2009.

WAQUIL, P. D. et al. **Proposição do Índice de Condições de Vida**. (=Relatório de pesquisa). Porto Alegre: PGDR/UFRGS, SDT/MDA, 2007.

Endereço para correspondência:

Tanise Dias Freitas – tanise1208@yahoo.com.br
Av. Taquara, 129/12, Bairro Petrópolis
90.460-210 Porto Alegre/RS, Brasil

Anelise Graciele Rambo – ane_rambo@yahoo.com.br
Av. João Pessoa, 31 – 1º andar, Campus Centro
90.040-000 Porto Alegre/RS, Brasil

Sérgio Schneider – schneide@ufrgs.br
Av. João Pessoa, 31 – 1º andar, Campus Centro
90.040-000 Porto Alegre/RS, Brasil